

## Possíveis efeitos colaterais do uso contínuo da pílula anticoncepcional

Possible side effects of continuous use of the birth control pill

Posibles efectos secundarios del uso continuo de la píldora anticonceptiva

Maria Eduarda Medeiros Alves<sup>1</sup>, Alanna Michely Batista de Moraes<sup>1</sup>, Renata Laryssa Araújo Bezerra<sup>1</sup>.

### RESUMO

**Objetivo:** Analisar sobre os efeitos colaterais do uso contínuo da pílula anticoncepcional na saúde das mulheres. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que teve como protocolo adotado o Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA). Utilizou-se como questão central: “De que forma o uso contínuo da pílula anticoncepcional pode afetar a saúde física e mental das mulheres, considerando seus efeitos adversos e impactos a longo prazo?”. A busca por literatura foi conduzida nas bases de dados: BVS, Embase, PUBMED, SciELO e LILACS. Para garantir uma recuperação eficiente dos estudos, foram utilizados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), tanto em português quanto em inglês, conforme a base consultada, combinados por meio do operador booleano “AND”. **Resultados:** Sete artigos foram incluídos na revisão, garantindo a seleção de estudos relevantes e metodologicamente rigorosos para embasar a pesquisa. **Considerações finais:** O uso individual da pílula anticoncepcional pode causar diversos efeitos colaterais e impactos negativos à saúde física e mental. Seu uso contínuo está associado a riscos como tromboembolismo venoso, alterações hormonais, ganho de peso, cefaleia, náuseas, entre outros efeitos adversos

**Palavras-chave:** Pílula, Anticoncepcional, Contraceptivos.

### ABSTRACT

**Objective:** To analyze and synthesize the available scientific evidence on the side effects and negative impacts of contraceptive pill use on women's health. **Methods:** This is an integrative literature review, which adopted the Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) protocol. The central question used was: “How does the continuous use of contraceptive pills affect women's physical and mental health, considering its adverse effects and long-term impacts?”. The literature search was conducted in the following databases: BVS, Embase, PUBMED, SciELO, and LILACS. To ensure efficient retrieval of studies, Health Sciences Descriptors (DeCS) were used, both in Portuguese and English, according to the database consulted, combined using the Boolean operator “AND”. **Results:** Seven articles were included in the review, ensuring the selection of relevant and methodologically rigorous studies to support the research. **Final considerations:** The individual use of birth control pills can cause various side effects and negative impacts on physical and mental health. Continuous use is associated with risks such as venous thromboembolism, hormonal changes, weight gain, headaches, nausea, among other adverse effects.

**Keywords:** Pill, Contraceptive, Contraceptives.

### RESUMEN

**Objetivo:** Analizar y sintetizar la evidencia científica disponible sobre los efectos secundarios e impactos negativos del uso de la píldora anticonceptiva en la salud de las mujeres. **Métodos:** Se trata de una revisión integradora de la literatura, que adoptó el protocolo Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA). La pregunta central utilizada fue: “¿Cómo afecta el uso continuo de la píldora anticonceptiva la salud física y mental de las mujeres, considerando sus efectos adversos e impactos a largo plazo?” La búsqueda de literatura se realizó en las siguientes bases de datos: BVS, Embase, PUBMED,

<sup>1</sup> Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Patos – PB.

SciELO y LILACS. Para garantizar la eficiente recuperación de los estudios, se utilizaron Descriptores en Ciencias de la Salud (DeCS), tanto en portugués como en inglés, según la base de datos consultada, combinados mediante el operador booleano "AND". **Resultados:** Se incluyeron siete artículos en la revisión, asegurando la selección de estudios relevantes y metodológicamente rigurosos para sustentar la investigación. **Consideraciones finales:** El uso individual de la píldora anticonceptiva puede causar diversos efectos secundarios e impactos negativos en la salud física y mental. Su uso continuo está asociado a riesgos como tromboembolismo venoso, alteraciones hormonales, aumento de peso, cefaleas, náuseas, entre otros efectos adversos.

**Palabras clave:** Píldora, Anticonceptivo, Anticonceptivos.

---

## INTRODUÇÃO

A pílula anticoncepcional, desde sua introdução nos anos 1960, revolucionou o controle reprodutivo e a autonomia feminina. Ela se consolidou como um dos métodos contraceptivos mais utilizados mundialmente, proporcionando às mulheres maior controle sobre sua vida reprodutiva. Além de evitar a gravidez, a pílula também é amplamente utilizada para tratar disfunções hormonais, como a síndrome dos ovários policísticos e a endometriose (SILVA CP, et al., 2023). Apesar dos benefícios evidentes, o uso da pílula anticoncepcional não está isento de riscos. O estudo de Carrias DTS, et al. (2020) têm apontado para possíveis efeitos colaterais, especialmente quando utilizada por períodos prolongados. Os principais problemas relatados incluem alterações no sistema cardiovascular, aumento do risco de trombose e impactos negativos sobre a saúde mental, como depressão e ansiedade.

Além dos efeitos físicos e psicológicos, existem preocupações sobre o impacto que a pílula pode ter na saúde metabólica e hormonal das mulheres. Questões como ganho de peso, alterações no ciclo menstrual e diminuição da libido são frequentemente associadas ao uso contínuo desse método. Isso gera discussões sobre a necessidade de opções contraceptivas mais seguras e com menos efeitos adversos (OLIVEIRA LA, 2021). Portanto, a necessidade de uma revisão sobre os efeitos colaterais e impactos negativos da pílula anticoncepcional é evidente. A análise das evidências científicas recentes sobre o tema é crucial para promover o uso informado e consciente desse método contraceptivo.

A pílula anticoncepcional continua sendo uma escolha comum entre as mulheres, mesmo diante dos possíveis efeitos colaterais. Justifica-se, portanto, uma revisão integrativa sobre seus impactos na saúde feminina para esclarecer os riscos associados. A compreensão dos efeitos adversos contribuirá para decisões contraceptivas mais informadas e seguras, tanto para as usuárias quanto para os profissionais de saúde que as orientam (SOUZA BC e ANDRADE LG, 2019). Além disso, essa revisão pode fornecer subsídios para a criação de políticas de saúde pública mais adequadas, que levem em consideração os riscos potenciais do uso prolongado da pílula. Ao investigar a literatura científica, espera-se oferecer uma visão clara e consolidada sobre os impactos negativos desse método.

Apesar da ampla disseminação da pílula anticoncepcional, surgem dúvidas sobre os seus efeitos a longo prazo na saúde das mulheres. Os riscos de problemas cardiovasculares, alterações hormonais e distúrbios psicológicos continuam sendo motivos de preocupação (SOUZA MS, et al., 2022). Este estudo tem como objetivo analisar os principais efeitos colaterais e impactos negativos do uso da pílula anticoncepcional na saúde das mulheres, com base em evidências científicas recentes. A pesquisa parte da hipótese nula (H0), que considera inexistentes efeitos colaterais significativos, e da hipótese alternativa (H1), que reconhece a existência de impactos adversos relevantes. Para alcançar esse propósito, o estudo busca identificar e categorizar os principais efeitos colaterais relatados, avaliar os impactos a longo prazo na saúde física e mental das usuárias e comparar os riscos da pílula com os de outros métodos contraceptivos, apontando alternativas que reduzam os efeitos negativos.

## MÉTODOS

Para conduzir uma revisão integrativa sobre os efeitos colaterais do uso da pílula anticoncepcional na saúde das mulheres, foi essencial estabelecer uma abordagem estruturada para a seleção e análise dos

estudos. A estratégia PICO: (população, Intervenção, Comparação e Desfecho) foi empregada como base para a formulação da pergunta de pesquisa, permitindo a definição clara da população-alvo, da intervenção analisada, das possíveis comparações e dos desfechos investigados. Esse método é amplamente utilizado em revisões integrativas por facilitar a organização dos critérios de busca e garantir um direcionamento preciso na identificação de evidências científicas relevantes.

A pesquisa foi guiada pela seguinte questão central: “De que forma o uso contínuo da pílula anticoncepcional afeta a saúde física e mental das mulheres, considerando seus efeitos adversos e impactos a longo prazo?”. Nesta revisão, a população-alvo consiste em mulheres que fazem uso da pílula anticoncepcional, com o objetivo de analisar os efeitos colaterais desse método contraceptivo na saúde física e mental. A crescente preocupação com as consequências do uso prolongado dessas substâncias reforça a importância de investigar suas implicações e comparar seus riscos com outras alternativas contraceptivas disponíveis.

O protocolo adotado para a condução desta revisão integrativa foi o Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (PRISMA, 2021), garantindo transparência e rigor metodológico na seleção e análise dos estudos. O registro da revisão foi realizado na Open Science Framework (OSF), disponível em <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/E5WG4>.

A busca por literatura relevante foi conduzida em bases de dados amplamente reconhecidas na área da saúde, incluindo Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Embase, US National Library of Medicine National Institutes of Health (PUBMED), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Para garantir uma recuperação eficiente dos estudos, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), tanto em português quanto em inglês, conforme a base consultada, combinados por meio do operador booleano “AND”. As estratégias de busca específicas para cada base de dados estão detalhadas no (Quadro 1).

**Quadro 1** – Estratégia de busca desenvolvida em cada base de dado usada na execução da revisão integrativa.

Base de Dados	Estratégia de Busca
PubMed	("Contraceptives, Oral" [MeSH]) AND ("Adverse Effects" [MeSH] OR "Risk Factors" [MeSH])
BVS	("Contraceptivos Orais" [DeCS]) AND ("Efeitos Adversos" [DeCS] OR "Fatores de Risco" [DeCS])
Embase	('oral contraceptive'/exp) AND ('adverse effect'/exp OR 'risk factor'/exp) AND ('women's health'/exp)
SciELO	("Contraceptivos Orais" [DeCS]) AND ("Efeitos Secundários" [DeCS] OR "Fatores de Risco" [DeCS]) AND ("Saúde da Mulher" [DeCS])
LILACS	("Anticoncepcionais Orais" [DeCS]) AND ("Efeitos Colaterais" [DeCS] OR "Impactos na Saúde" [DeCS]) AND ("Bem-Estar Feminino" [DeCS])

Fonte: Alves MEM, et al., 2025.

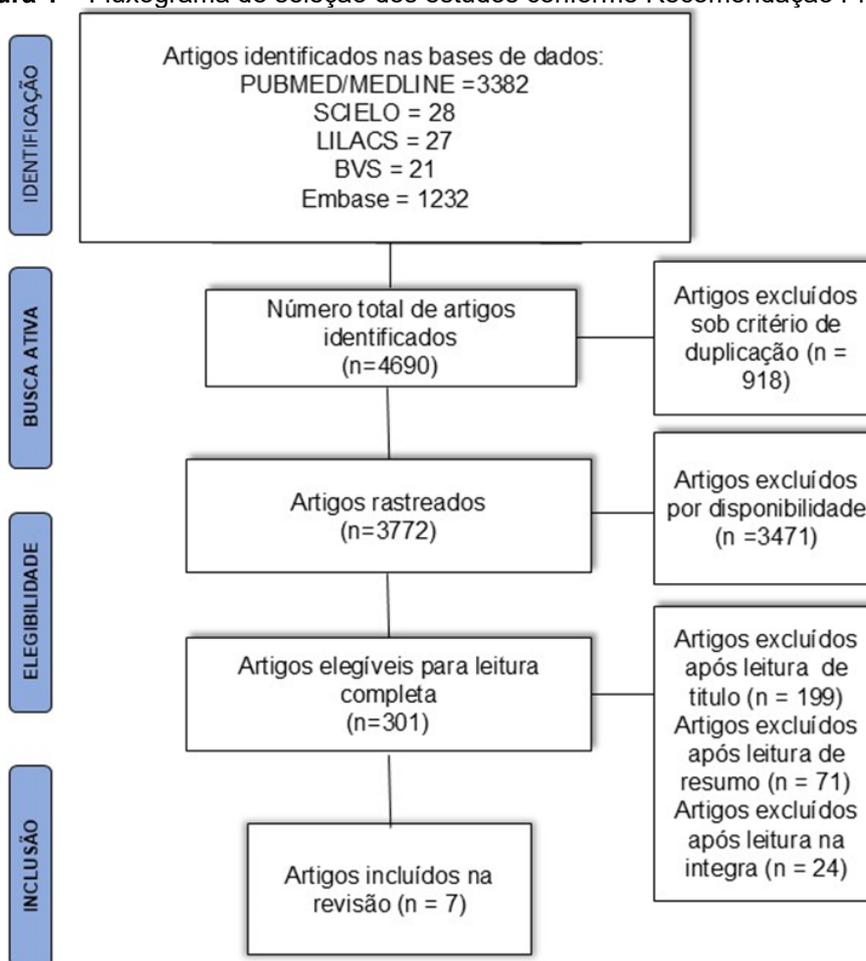
Os critérios de inclusão contemplaram estudos publicados em qualquer idioma, sem restrição temporal, que abordassem os efeitos colaterais e impactos do uso da pílula anticoncepcional. Por outro lado, foram excluídos os estudos que não apresentavam desfechos clínicos relacionados ao uso desse contraceptivo, que não estavam disponíveis gratuitamente e cuja metodologia não era compatível com estudos observacionais ou ensaios clínicos randomizados. A seleção dos materiais seguiu um processo de avaliação por pares, realizado em duplo cego. Nos casos em que houve divergência na classificação dos estudos, os avaliadores discutiram as discrepâncias até alcançar um consenso sobre sua inclusão ou exclusão.

## RESULTADOS

O fluxograma representa o processo de seleção de artigos para uma revisão integrativa, seguindo as diretrizes PRISMA. Inicialmente, foram identificados 4.690 artigos em bases de dados científicas, sendo 3.382

na PUBMED/MEDLINE, 28 na SCIELO, 27 na LILACS, 21 na BVS e 1.232 na Embase. Após a remoção de 918 artigos duplicados, restaram 3.772 para triagem. Em seguida, 3.471 estudos foram excluídos por indisponibilidade, resultando em 301 artigos elegíveis para leitura completa. Desses, 199 foram eliminados após análise do título, 71 após a leitura do resumo e 24 após a leitura integral do conteúdo. Ao final do processo, 7 artigos foram incluídos na revisão, garantindo a seleção de estudos relevantes e metodologicamente rigorosos para embasar a pesquisa.

**Figura 1** – Fluxograma de seleção dos estudos conforme Recomendação Prisma.



**Fonte:** Alves MEM, et al., 2025.

A avaliação da qualidade dos estudos selecionados foi conduzida por meio da Escala de Jadad, amplamente utilizada para a análise de ensaios clínicos randomizados, por sua simplicidade e confiabilidade ao medir a robustez metodológica das pesquisas (JADAD AR, et al., 1996). Essa escala avalia três aspectos principais: randomização, cegamento e descrição do acompanhamento dos participantes, por meio de cinco perguntas. A pontuação varia de 0 a 5, sendo atribuídos até 2 pontos para os critérios de randomização e cegamento, e 1 ponto para a descrição adequada dos participantes. Estudos com pontuação de 0 a 2 são classificados como de “baixa qualidade metodológica”, enquanto aqueles com 3 a 5 pontos são considerados de “alta qualidade metodológica” (MIOLA AC, et al., 2024).

A extração e análise dos dados foram realizadas de forma sistemática e rigorosa, considerando informações relevantes sobre os participantes, intervenções, desfechos e resultados de cada estudo incluído. Esses dados foram organizados e sintetizados para identificar padrões, tendências e associações significativas entre o uso da pílula anticoncepcional e seus efeitos colaterais. Por fim, os achados foram interpretados à luz dos objetivos da revisão e das evidências disponíveis na literatura científica, levando em

conta a qualidade dos estudos, a consistência dos resultados e as limitações identificadas. Essa abordagem crítica permite uma compreensão aprofundada dos impactos do uso prolongado da pílula anticoncepcional na saúde feminina, oferecendo subsídios para a tomada de decisões na prática clínica e contribuindo para futuras pesquisas sobre alternativas contraceptivas mais seguras.

Os sete estudos, explicitados no **Quadro 2** e analisados nesta revisão forneceram uma visão abrangente sobre os efeitos colaterais e impactos negativos do uso da pílula anticoncepcional na saúde das mulheres. As pesquisas abordaram diferentes aspectos, desde a relação entre contraceptivos hormonais e riscos de infecção pelo HIV-1 até a ocorrência de efeitos adversos como cefaleia, náusea, ganho de peso e alterações no perfil lipídico. Foram investigados tanto contraceptivos orais quanto injetáveis, em diferentes populações, incluindo estudantes universitárias, atletas de elite e mulheres de diversos países, permitindo uma análise ampla dos potenciais riscos à saúde feminina associados ao uso contínuo desses métodos contraceptivos.

**Quadro 2** – Caracterização de título, autores e ano de publicação, objetivo principal dos estudos, método e principais resultados.

Autores e ano	Objetivo do estudo	Amostra	Métodos	Principais resultados
Brynhildsen J, et al. (1997)	Avaliar se a prevalência de dor lombar é maior entre usuárias de pílula anticoncepcional em comparação com não usuárias e se há diferenças entre mulheres que praticam diferentes esportes.	829 mulheres: 205 jogadoras de vôlei, 150 de basquete, 361 de futebol e 113 controles (não atletas).	Estudo randomizado. Questionário aplicado a atletas de elite e controles pareados por idade, coletando informações sobre uso de contraceptivos, histórico de dor lombar e impacto na vida diária e esportiva.	A prevalência de dor lombar foi maior entre atletas (30%) do que nos controles (18%), mas não houve diferença significativa entre usuárias e não usuárias de anticoncepcionais. Assim, o estudo não apoia a hipótese de que o uso da pílula anticoncepcional afeta o risco de dor lombar.
Heffron R, et al. (2012)	Avaliar a relação entre o uso de contraceptivos hormonais e o risco de aquisição e transmissão do HIV-1 entre casais sorodiscordantes.	3.790 casais heterossexuais sorodiscordantes para HIV-1 em sete países africanos.	Estudo randomizado analisando a aquisição do HIV-1 em mulheres e a transmissão do HIV-1 de mulheres para homens, comparando usuárias e não usuárias de contraceptivos hormonais (orais e injetáveis).	O uso de contraceptivos hormonais, especialmente os injetáveis, foi associado a um risco aproximadamente duas vezes maior de aquisição e transmissão do HIV-1. Mulheres usando contraceptivos injetáveis tinham maiores concentrações de RNA do HIV-1 no trato genital, sugerindo um possível mecanismo para o aumento do risco.
Balkus JE, et al. (2016)	Avaliar o efeito do uso de contraceptivos hormonais orais e injetáveis na aquisição do HIV entre mulheres do sul da África inscritas em um ensaio clínico de microbicida.	2.830 mulheres de quatro países africanos, participantes do ensaio HPTN 035.	Estudo de coorte prospectivo e randomizado, com coleta trimestral de dados sobre uso de contraceptivos e comportamento sexual, além de testes de HIV. Análises foram feitas usando regressão de riscos proporcionais de Cox.	O uso de contraceptivos injetáveis foi associado a um aumento marginal no risco de aquisição do HIV, mas sem significância estatística (HR ajustado = 1,17; IC 95% 0,70-1,96). Já o uso de contraceptivos orais foi associado a um risco reduzido, também sem significância estatística (HR ajustado = 0,76; IC 95% 0,37-1,55). Os resultados reforçam a recomendação da OMS para que mulheres em risco de HIV usem preservativos em conjunto

				com anticoncepcionais hormonais.
Kemmeren JM, et al. (2004)	Analisar os efeitos dos anticoncepcionais orais de segunda e terceira geração no sistema da proteína C, especialmente em mulheres com e sem a mutação do fator VLeiden, visando compreender os riscos trombóticos associados.	86 mulheres (51 sem mutação do fator VLeiden e 35 com a mutação)	Ensaio clínico randomizado e duplo-cego. As participantes foram divididas em dois grupos e receberam contraceptivos contendo etinilestradiol combinado com levonorgestrel (segunda geração) ou desogestrel (terceira geração). Após dois ciclos, passaram por um período de washout e foram tratadas com apenas o progestágeno correspondente. Foram analisados marcadores hemostáticos.	- O uso de contraceptivos de terceira geração (desogestrel) reduziu significativamente a proteína S e aumentou a resistência à proteína C ativada (APC), elevando o risco trombótico, especialmente em portadoras do fator VLeiden.
Vlieg VH, et al. (2009)	Realizar uma análise para avaliar a relação entre o uso de contraceptivos orais e o risco de tromboembolismo venoso (TEV), analisando diferentes formulações hormonais.	62 mulheres	Estudo clínico randomizado. Foram analisados dados de diferentes formulações de contraceptivos orais e seus impactos no risco de tromboembolismo venoso.	- O uso de contraceptivos orais combinados aumenta o risco de TEV em comparação com mulheres que não utilizam esses métodos.
Tozetto HCM, et al. (2022)	Mensurar a prevalência de eventos adversos relacionados ao uso de contraceptivo hormonal oral (COH) e seus fatores associados em estudantes de farmácia.	269 estudantes de graduação da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP.	Estudo randomizado com aplicação de questionário online. Foram realizadas análises descritivas e razões de prevalência para identificar fatores associados aos eventos adversos.	42,2% das usuárias de COH relataram eventos adversos. O mais comum foi cefaleia (70,2%), seguido de náusea e ganho de peso. A presença de enxaqueca foi associada a uma maior chance de eventos adversos. A baixa taxa de descontinuação sugere que os efeitos são toleráveis. O estudo reforça a necessidade de maior informação sobre os riscos e contraindicações do método.
Baracat EC, et al. (1998)	Avaliar a tolerabilidade e o controle de ciclo de dois contraceptivos orais de baixa dose contendo 20 µg de etinilestradiol associados a gestodeno ou desogestrel.	167 mulheres saudáveis, sexualmente ativas, de 18 a 45 anos.	Estudo randomizado, comparativo e multicêntrico, realizado em nove centros brasileiros. Mulheres foram randomizadas para receber gestodeno (77) ou desogestrel (90) por seis ciclos. Foram analisados sintomas, eventos adversos, controle de ciclo, perfil lipídico e hemostático.	Ambos os contraceptivos foram bem tolerados, mas o grupo do desogestrel apresentou maior incidência de náusea. O controle do ciclo foi melhor com gestodeno, apresentando menos sangramento irregular (4,6% dos ciclos vs. 8,1% no grupo desogestrel). O grupo desogestrel teve aumento médio de peso de 1 kg após seis ciclos. O perfil lipídico foi levemente mais favorável no grupo gestodeno.

Fonte: Alves MEM, et al., 2025.

O **Quadro 3** apresenta uma análise da qualidade metodológica dos estudos incluídos na revisão integrativa, utilizando a escala de Jadad. Esta escala avalia a qualidade dos ensaios clínicos randomizados, considerando critérios como a descrição da randomização, a adequação da randomização, a descrição das comparações e resultados, bem como a descrição das perdas e exclusões. Os resultados revelam uma variedade na qualidade metodológica dos estudos revisados. Enquanto alguns estudos atendem aos critérios de randomização e descrição adequada das comparações e resultados, outros são limitados pela falta de randomização ou pela ausência de descrição detalhada das perdas e exclusões. Essa análise contribui para uma avaliação crítica dos estudos incluídos na revisão integrativa, fornecendo insights sobre a confiabilidade e validade dos resultados apresentados.

**Quadro 3** – Análise da qualidade metodológica dos estudos incluídos na revisão integrativa, através da escala de Jadad.

Autores	O estudo foi descrito como randomizado?	A randomização foi descrita e é adequada?	Houve comparações e resultados?	As comparações e resultados foram descritos e são adequados?	Foram descritas as perdas e exclusões?
Brynhildsen J, et al. (1997)	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Heffron R, et al. (2012)	Sim (em um dos estudos incluídos na análise, Partners in Prevention HSV/HIV Transmission Study)	Sim (foi um ensaio clínico randomizado, controlado por placebo)	Sim	Sim (os resultados foram detalhados e analisados estatisticamente)	Sim (perdas e exclusões foram mencionadas e justificadas)
Balkus JE, et al. (2016)	Sim (estudo secundário de um ensaio clínico randomizado)	Sim (o estudo primário foi um ensaio clínico randomizado, HPTN 035)	Sim	Sim (análise detalhada dos efeitos dos contraceptivos hormonais na aquisição do HIV)	Sim (foram excluídos participantes sem acompanhamento, e essas exclusões foram relatadas)
Kemmeren JM, et al. (2004)	Sim (ensaio clínico randomizado, duplo-cego)	Sim (randomização descrita e adequada)	Sim	Sim (avaliação dos efeitos de contraceptivos orais na proteína C e risco trombótico)	Sim (exclusões mencionadas e justificadas)
Vlieg VH, et al. (2009)	Sim	Sim (randomização descrita e adequada)	Sim	Sim	Sim (exclusões mencionadas e justificadas)
Tozetto HCM, et al. (2022)	Sim	Sim (randomização descrita e adequada)	Sim	Sim	Sim (exclusões mencionadas e justificadas)
Baracat EC, et al. (1998)	Sim	Sim (randomização descrita e adequada)	Sim	Sim	Sim (exclusões mencionadas e justificadas)

Fonte: Alves MEM, et al., 2025.

## DISCUSSÃO

Os efeitos colaterais dos anticoncepcionais hormonais, sejam orais ou injetáveis, revelam-se como um campo de investigação multifacetado e ainda permeado por controvérsias. A literatura científica aponta para uma gama de repercussões clínicas e fisiológicas que, muitas vezes, variam de acordo com o tipo de formulação utilizada, a individualidade biológica das usuárias, o tempo de uso e, sobretudo, o contexto populacional em que os estudos foram conduzidos. Um aspecto de particular relevância refere-se ao risco potencial de aquisição e transmissão do HIV-1 em usuárias de anticoncepcionais hormonais, especialmente os injetáveis.

O estudo de Heffron et al. (2012), amplamente citado na literatura, trouxe evidências preocupantes ao indicar que mulheres que utilizavam contraceptivos injetáveis apresentavam um risco aproximadamente duas vezes maior de contrair o HIV-1 em comparação com aquelas que não faziam uso desse método. Este achado levantou um alerta global, especialmente em regiões com alta prevalência da doença, como alguns países africanos.

Em contraponto, o estudo de Balkus, et al. (2016), embora corroborasse a tendência de aumento no risco, não encontrou significância estatística em seus resultados (HR ajustado = 1,17; IC 95% 0,70–1,96). Tal divergência metodológica pode ser explicada, em parte, por diferenças no tamanho amostral, no desenho do estudo e nos critérios de inclusão das participantes.

Também levanta questões críticas sobre o poder estatístico e o possível viés de seleção, elementos que precisam ser cuidadosamente analisados ao interpretar os resultados. Outro ponto de preocupação recai sobre o risco de eventos tromboembólicos venosos (TEV) em usuárias de anticoncepcionais orais combinados, particularmente os de terceira geração. Kemmeren et al. (2004) demonstraram que anticoncepcionais contendo desogestrel aumentaram significativamente a resistência à proteína C ativada, mecanismo que está diretamente associado à maior incidência de TEV.

Esses dados são reforçados pela meta-análise de Vlieg et al. (2009), que consolidou evidências do aumento do risco trombótico entre usuárias de contraceptivos orais, evidenciando que os riscos variam de acordo com o tipo de progestagênio utilizado. No entanto, é importante notar que tais riscos, embora estatisticamente relevantes, não se aplicam de maneira uniforme a todas as populações. Por exemplo, mulheres jovens e saudáveis, sem predisposição genética a trombofilias, podem apresentar riscos absolutos bastante baixos.

Nesse contexto, os achados de Baracat et al. (1998) trazem uma perspectiva interessante, ao avaliarem contraceptivos orais de baixa dosagem. Embora tenham sido observados efeitos adversos leves, como náusea e discreto aumento de peso, os autores concluíram que os anticoncepcionais avaliados foram geralmente bem tolerados pelas usuárias. Essa conclusão sugere uma possível dissociação entre os efeitos fisiológicos mensuráveis e a percepção subjetiva dos efeitos colaterais, o que ressalta a importância de considerar fatores psicossociais, como a expectativa das pacientes e sua tolerância individual a determinados sintomas.

A discussão sobre os efeitos colaterais também precisa contemplar diferentes perfis populacionais. O estudo de Brynhildsen et al. (1997), que investigou o impacto dos anticoncepcionais hormonais em atletas de elite, não encontrou diferença significativa na prevalência de dor lombar entre usuárias e não usuárias. Este achado, embora aparentemente divergente, pode ser interpretado à luz das características fisiológicas e psicológicas das atletas, que muitas vezes apresentam limiares de dor mais elevados e rotinas de condicionamento físico que atenuam certos sintomas. Em contrapartida, Tozetto et al. (2022) encontraram uma alta prevalência de efeitos adversos, como cefaleia (70,2%) e alterações de humor, entre estudantes universitárias, sugerindo que o perfil e o estilo de vida das usuárias são fatores moduladores cruciais dos efeitos percebidos.

No tocante ao metabolismo lipídico, Baracat et al. (1998) também observaram que, embora ambas as formulações estudadas (desogestrel e gestodeno) fossem eficazes, o grupo que utilizou desogestrel apresentou um perfil lipídico levemente menos favorável. Ainda que essas alterações tenham sido discretas, o achado reforça a importância do monitoramento contínuo de parâmetros metabólicos, especialmente em usuárias de longo prazo ou com predisposição a dislipidemias. No que diz respeito à qualidade metodológica dos estudos avaliados, a aplicação da escala de Jadad trouxe à tona questões relevantes sobre validade interna. Estudos como os de Heffron et al. (2012) e Kemmeren et al. (2004) foram classificados com boa pontuação, apresentando randomização adequada, descrição clara dos métodos e controle de perdas.

Por outro lado, o estudo de Brynhildsen et al. (1997) foi criticado por não descrever de maneira satisfatória o processo de randomização, o que compromete, ainda que parcialmente, a confiabilidade de seus resultados. Já Balkus et al. (2016), apesar de bem delineado, enfrentou limitações no acompanhamento longitudinal das

participantes, o que pode ter introduzido viés de informação ou reduzido a capacidade de detecção de diferenças sutis entre os grupos. Dessa forma, a análise comparativa e crítica dos efeitos colaterais associados ao uso de anticoncepcionais hormonais exige não apenas atenção aos dados clínicos, mas também uma leitura minuciosa da estrutura metodológica dos estudos.

A existência de variações nos desfechos, por vezes contraditórios, evidencia a necessidade de estudos multicêntricos, com amostras amplas e metodologias robustas, que considerem os múltiplos fatores intervenientes, como idade, comorbidades, hábitos de vida, predisposições genéticas e tipo de formulação hormonal. Por fim, é fundamental reconhecer que o debate sobre os efeitos adversos dos anticoncepcionais não deve se restringir à sua eficácia contraceptiva, mas sim abranger uma análise mais holística da saúde da mulher. A decisão sobre o uso desses métodos deve ser personalizada, embasada em evidências científicas atualizadas, diálogo aberto com profissionais de saúde e uma avaliação cuidadosa da relação risco-benefício para cada paciente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse cenário, em relação a integrativa realizada, tornou-se evidente que o uso individual da pílula anticoncepcional, embora amplamente utilizado pelas mulheres como método contraceptivo e terapêutico, possui uma série de efeitos colaterais e impactos negativos, tanto na saúde física quanto mental. Nesse sentido, os estudos que foram selecionados e analisados evidenciaram que associações relevantes entre o uso contínuo do medicamento possui impactos e efeitos como tromboembolismo venoso, alterações hormonais, ganho de peso, cefaleia, náuseas, entre outros efeitos adversos. Além disso, estudou-se a necessidade de atenção especial a grupos específicos, como mulheres com predisposição genética a distúrbios de coagulação ou em risco de infecções sexualmente transmissíveis. Fica claro, portanto, que os achados salientam a relevância da orientação adequada por parte dos profissionais de saúde e do acesso fácil a informações atualizadas e pertinentes pelas usuárias. É imperioso citar, também que o presente estudo também destacou a urgência em promover alternativas contraceptivas mais seguras e personalizadas, assim como políticas públicas que considerem os riscos do uso prolongado da pílula. Contudo, a partir dessa revisão, espera-se contribuir para a tomada de decisões mais conscientes e embasadas, tanto no âmbito individual quanto coletivo, fortalecendo o cuidado integral à saúde feminina.

## REFERÊNCIAS

1. BALKUS JE, et al. Oral and injectable contraceptive use and HIV acquisition risk among women in 4 African countries: a secondary analysis of data from a microbicide trial. *Contraception*, 2016; 93(1): 25-31.
2. BARACAT EC, et al. Avaliação da Tolerabilidade e do Controle de Ciclo de Dois Contraceptivos Orais de Baixa Dose: Estudo Comparativo Aberto. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 1998; 20(5): 273-280.
3. BRASIL. Diário Oficial da União. Lei nº 12305. 2010. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm). Acessado em: 25 de abril de 2025.
4. BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Regras para análise de sementes. 2009. Disponível em: [https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos-publicacoes-insumos/2946\\_regras\\_analise\\_sementes.pdf](https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos-publicacoes-insumos/2946_regras_analise_sementes.pdf). Acessado em: 25 de abril de 2025.
5. BRYNHILDSEN J, et al. Oral contraceptive use among female elite athletes and age-matched controls and its relation to low back pain. *Acta Obstetrica et Gynecologica Scandinavica*, 1997; 76(9): 873-878.
6. CARRIAS DTS, et al. Efeitos adversos associados a uso de contraceptivos orais em discentes. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, 2020; 17(3): 142-146.
7. DONATO H e DONATO M. Stages for Undertaking a Systematic Review. *Acta Médica Portuguesa*, 2019; 32(3): 227-235.
8. HEFFRON R, et al. Hormonal contraceptive use and risk of HIV-1 transmission: a prospective cohort analysis. *Lancet Infectious Diseases*, 2012; 12(1): 19-26.
9. JADAD AR, et al. Assessing the quality of reports of randomized clinical trials: is blinding necessary? *Controlled clinical trials*, 1996; 17(1): 1-12.

10. KEMMEREN JM, et al. Effect of second- and third-generation oral contraceptives on the protein C system in the absence or presence of the factor VLeiden mutation: a randomized trial. *Blood*, 2004; 103(3): 927-933.
11. LEMOS A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2015; 7: 296.
12. MENETON P, et al. Links between dietary salt intake, renal salt handling, blood pressure, and cardiovascular diseases. *Physiological Reviews*, 2005; 85(2): 679-715.
13. MIOLA AC, et al. Técnicas de randomização e alocação para estudos clínicos. *Jornal Vascular Brasileiro*, 2024; 23: 20240046.
14. OKSANEN J, et al. *Vegan: Community Ecology Package*. R package version 2.5-6. R Core Team, 2019. Disponível em: <https://cran.r-project.org/package=vegan>. Acesso em: 25 abr. 2025.
15. PETITTI DB, et al. Blood pressure levels before dementia. *Archives Neurology*, 2005; 62(1): 112-116.
16. RIFFENBURGH RH. *Statistics in medicine*. 2nd ed. Amsterdam: Elsevier Academic Press, 2006; 672.
17. ROJKO JL e HARDY WD JR. Feline leukemia virus and other retroviruses. In: Sherding RG. *The cat: diseases and clinical management*. New York: Churchill Livingstone, 1989; 229-332.
18. SANTOS CS, et al. Efeitos adversos e fatores de risco associados ao uso contínuo de contraceptivos orais. *Revista Educação em Saúde*, 2020; 8(2).
19. SILVA CP, et al. Impactos fisiológicos do uso prolongado de contraceptivos hormonais em acadêmicas da Faculdade Guarai-TO: uma análise dos potenciais efeitos colaterais. *Facit Business and Technology Journal*, 2024; 55(1): 118-131.
20. SILVA PCS, et al. Avaliação dos efeitos colaterais dos contraceptivos orais. *Revista Multidisciplinar do Sertão*, 2023; 5(3): 351-360.
21. SOUZA BC e ANDRADE LG. Atenção farmacêutica no uso de contraceptivos de emergência. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 2023; 9(11): 198-210.
22. SOUZA MS, et al. Anticoncepcionais hormonais orais e seus efeitos colaterais no organismo feminino: uma revisão integrativa. *Journal of Education Science and Health*, 2022; 2(2).
23. TOZETTO HCM, et al. Eventos adversos relacionados ao uso de anticoncepcionais hormonais orais em estudantes de graduação em farmácia: um estudo transversal. *Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences*, 2022; 58: 21335.
24. VLIEG VH, et al. Oral contraceptives and the risk of venous thromboembolism: a meta-analysis. *The Lancet*, 2009; 373(9675): 1498-1503.